

BREVE REFLEXÃO SOBRE A MÍDIA TELEVISIVA

Fábio Carlos Rodrigues Alves¹
Dulce Consuelo Andreatta Whitaker²

RESUMO: O presente artigo trata-se de uma análise sucinta sobre a mídia televisiva e sua cota de responsabilidade na perseguição política seletiva. Este artigo fora elaborado com base em pesquisa anterior denominada “Jornal Nacional um Caso de Amor com o Poder: Estudo de Adesão e Resistência à Ideologia do Grupo Globo em uma Cidade do Interior do Estado de São Paulo”, dos mesmos autores. Nesta pesquisa mais ampla, foram analisadas algumas reportagens do Jornal Nacional, como por exemplo as reportagens do Jornal Nacional sobre a substância fosfoetanolamina, e as matérias jornalísticas deste telejornal em relação aos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff, sendo que concluímos por uma certa parcialidade do Jornal Nacional, seja para defender interesses de grandes anunciantes (corporações farmacêuticas, no caso das reportagens sobre a fosfoetanolamina), seja na perseguição política seletiva contra políticos do Partido dos Trabalhadores. Ademais, conforme os dados e entrevistas citados no bojo deste artigo (oriundos da análise de 300 questionários aplicados em 06 bairros da cidade de Araraquara/SP), chegamos a conclusões não terminativas, pois notamos que há um processo dialético: emissão hegemônica versus submissão/resistência da população.

Palavras chave: Mídia. Televisão. Política.

BRIEF REFLECTION ON TELEVISION MEDIA

ABSTRACT: This article deals with a brief analysis of the television media and its share of responsibility in selective political persecution. This article was elaborated based on a previous research called "National Journal a Case of Love with the Power: Study of Adherence and Resistance to the Ideology of the Globo Group in a City of the Interior of the State of São Paulo", by the same authors. In this more extensive research, some reports of the National Journal were analyzed, such as the Jornal Nacional reports on the substance phosphoethanolamine, and the journalistic articles

¹Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente pela Universidade de Araraquara – UNIARA. Doutorando em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente pela Universidade de Araraquara – UNIARA. Bacharel em Direito pela Universidade de Araraquara – UNIARA. UNIARA – Universidade de Araraquara. Araraquara, São Paulo. Brasil. E-mail: jus.fabiocarlos@adv.oabsp.org.br

²Pós-doutorado em sociologia pela Universidade de Oxford. Doutorado em Sociologia da Educação pela Universidade de São Paulo. Mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Graduada em Ciências Sociais pela UNESP. UNIARA – Universidade de Araraquara. Araraquara, São Paulo. Brasil.

of this newsreel in relation to the former presidents Luiz Inácio Lula da Silva and Dilma Vana Rousseff, we conclude by a certain partiality of the National Journal, either to defend interests of major advertisers (pharmaceutical corporations in the case of the reports on phosphoethanolamine), or in the selective political persecution against politicians of the Workers' Party. In addition, according to the data and interviews cited in the bullet of this article (from the analysis of 300 questionnaires applied in 06 districts of the city of Araraquara / SP), we reach nonterminating conclusions, since we notice that there is a dialectical process: hegemonic issue versus submission / resistance of the population.

Keywords: Media. TV. Policy.

O presente artigo possui relação direta com outra pesquisa, mais ampla, dos mesmos autores, intitulada “Jornal Nacional um Caso de Amor com o Poder: Estudo de Adesão e Resistência à Ideologia do Grupo Globo em uma Cidade do Interior do Estado de São Paulo”. Nesta pesquisa os autores analisaram, em extensa revisão bibliográfica, o que renomados autores entendem dos conceitos da cultura, ideologia, mídia e a relação entre eles. Ainda, analisaram 300 questionários que foram aplicados em 06 bairros da cidade de Araraquara/SP, acerca da percepção dos telespectadores em relação às matérias jornalísticas veiculadas pelo Jornal Nacional. Assim, o presente artigo é, em apertada síntese, uma tentativa de trazer aos leitores desta renomada revista, as conclusões que poderíamos chegar naquela pesquisa mais ampla, levando em consideração aquela miríade de conceitos, quais sejam, a cultura, a ideologia, a mídia, e a percepção dos entrevistados nos questionários aplicados.

O Mercado de Notícias (The Staple of News, Ben Jonson, 1625) é de uma peça de teatro, no qual a trama se passa em um dia do ano de 1625, em Londres/Inglaterra. Um mendigo informa a Pila Júnior, que seu pai, Pila Pai havia falecido em distantes terras. Na realidade o mendigo é o Pila Pai, que “volta” para vigiar o que o filho fará com o dinheiro e bens recebidos em herança.

O enredo supracitado é o pano de fundo para o Ben Jonson desenvolver o tema do título de sua peça: o mercado de notícias, um comércio de notícias dirigido por Senhor Trombone e seu sócio Patranha. Jorge Furtado, em 2014, roteiriza e dirige o documentário O Mercado de Notícias – Um documentário sobre jornalismo (Jorge FURTADO, 2014), no qual treze jornalistas brasileiros discorrem sobre a prática da profissão, o futuro do jornalismo e casos recentes da política brasileira.

No trecho abaixo, é explicado ao personagem Pila Júnior o que é a novidade conhecida como Mercado de Notícias:

E quais as últimas notícias? Ah Senhor! Um mercado de notícias ou notícias de mercado se o Senhor preferir. O que é isso? Esqueci de contar à Vossa Senhoria. Uma agência de notícias, um escritório admirável recém contado. Uma agência pra quê? Para saber todas as notícias Senhor, o tempo inteiro. E vendê-las conforme sua conveniência, será um lugar de intenso comércio. (...) Um negócio maravilhoso. (O mercado de Notícias, FURTADO, 2014). [Grifos nossos]

Na continuação da cena os personagens Senhores Trombone e Patranha explicam a Pila Júnior a profissão de repórteres, como sendo aqueles que trabalham nas ruas, indo a qualquer lugar, em busca da melhor mercadoria, onde quer que essas notícias sejam fabricadas. Ainda eles afirmam que essa busca, localização e descoberta das notícias pode se dar por troca ou comércio.

Será que a peça de teatro de Ben Jonson, de 1625, século XVII, nos proporciona o mote do que sejam as produções dos nossos jornais? As produções de nossos telejornais, a produção responsável pelo Jornal Nacional (sendo que o editor chefe é Willian Bonner), são agências que buscam o que é notícia, mas formatam, estandardizam essas notícias, à luz dos interesses da Família Marinho, antes de pautar o JN? Ou mesmo, a produção do Jornal Nacional, escolhe o que é notícia e o que não deve ser transmitido? É notícia o que a Família Marinho disser que é notícia, e transmitir no JN?

Noutra cena da referida peça de teatro, extraída do documentário de Jorge Furtado, uma Senhora chega à agência de notícias do Mercado de Notícias, buscando adquirir dez centavos de notícias, para contar ao vigário. É indagada pelos repórteres do Mercado, “quer dizer que a Senhora gosta de contos do vigário?”. Outro repórter a repreende, dizendo que ela deve ter paciência, e esperar as notícias “descasarem”, pois sair às ruas prolatando contos do vigário poderá descredibilizar tão sério jornal, que justamente escolhe adequadamente suas notícias.

Relacionando a questão das notas criadas e direcionadas com a perseguição do JN sobre os partidos e políticos de esquerda, trazemos as palavras de Maurício Dias, jornalista, em entrevista concedida para a produção do documentário Mercado de Notícias (FURTADO, 2014), oportunidade na qual Dias afirma que há alguns motivos para a imprensa nacional desrespeitar o ex-presidente Luís Inácio Lula da

Silva, pois ele não é um de nós, Lula é retirante nordestino (não é de família paulista), com formação escolar regular técnica (não é bacharel). Mino Carta, em oportunidade das mesmas entrevistas para elaboração do referido documentário, afirma que algo que não é perdoado é o fato de Lula ser operário (e assim não pode ser Presidente da República), de cultivar barba (como ausência de refinamento), enfim, o preconceito e o ódio de classes sendo levado a cabo pela imprensa em favor da manutenção dos interesses das classes mais abastadas.

Sobre a questão do poder da mídia, Maurício Dias (2014) afirma que o jornalismo brasileiro possui uma neurose, já que não se aceita como agente político. E omitindo sua posição ou a desvirtuando, o jornalismo brasileiro se apega à valores como isenção, imparcialidade, defensor da sociedade, mas como o jornal possui interesses particulares, interesses econômicos de grande envergadura (como exemplo, o lucro do JN com publicidade no seu horário “nobre”), ao produzir matérias jornalísticas tendenciosas, obscuras, opacas, ou mesmo flagrantemente posicionadas em favor de alguém, sua credibilidade se esvai, mesmo em uma sociedade ideologicamente estimulada à ideologia da classe dominante – a mesma ideologia dos donos do jornal.

Jessé de Souza (2016) na obra “A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado”, entende que para que o golpe contra a ex-presidente Dilma Rousseff ter tido êxito os responsáveis por este nefasto ato engendrado contra a própria democracia (a elite financeira, o poder judiciário e a grande imprensa “golpista”) colonizaram o espírito do povo (e porque não, também, dos mais intelectualizados?) e sua capacidade de refletir.

Retroagindo um pouco na dicção dos fatos, Jessé de Souza (2016, p. 87) explica que o “ovo da serpente”, o canhão deflagrador do Golpe que destituiu Dilma Rousseff da Presidência da República em 2016, teve início nas festejadas manifestações de junho de 2013. Jessé de Souza questiona-se de que forma as manifestações de 2013 que tiveram como mote preliminar a busca de menores tarifas para o transporte público do Município de São Paulo (questões locais, portanto) se federalizou, alcançando e desgastando, paulatina e contumaz, a popularidade de Dilma Rousseff.

Nesse espeque, para Jessé de Souza (2016), o Jornal Nacional teve importância significativa, tanto na federalização das manifestações de junho de 2013,

quanto na perseguição perpetrada em face de um único partido, o PT, e seus principais líderes, Lula e Dilma. É preciso indagarmos sempre, para não voltarmos a cometer os mesmos erros desse passado recente: como uma presidente democraticamente eleita, que por meio de ações governamentais manteve grandes investimentos na saúde, nunca antes vistos na história desse país, sendo que para a educação almejava investir nada menos que 70% do fundo de exploração da camada do pré sal pela Petrobras, ainda assim viu ruir seus altíssimos índices de popularidade e acabou por sofrer o Golpe (travestido de impeachment) da destituição de seu cargo?

Mas se a imprensa totalitária e hegemônica, representando os interesses do capital especulativo, dos donos do dinheiro (SOUZA, 2016), fosse assim tão forte e influente talvez o Partido dos Trabalhadores não tivesse ficado tantos anos à frente do Governo Executivo Federal, dois mandatos com Lula e um mandato completo com Dilma. Porém a mídia hegemônica mostrou que desde o episódio do mensalão (que arranhou mas não foi capaz de derrubar o Presidente Lula) vinha aguardando o momento ideal para, junto com os demais parceiros do Golpe (a elite de endinheirados que manda nas demais elites, o Congresso Nacional, e porque não o Vice Presidente de Dilma – Michel Temer e o Estado Juiz por meio do Poder Judiciário), destituir o Governo do Partido dos Trabalhadores do Governo Federal, rompendo com um ciclo virtuoso de governança, e, ainda, tentando enterrar de vez o Partido dos Trabalhadores.

Para Jessé de Souza (2016) os telejornais e programas de entrevistas da TV Globo existem unicamente para dosar o veneno midiático diário aos seus telespectadores, bombardeando seu público com visões parciais, fragmentadas da realidade, isso quando não com notícias (informações e opiniões) que falseiam diretamente da realidade. Em suma, o Jornal Nacional, que possui Willian Bonner como âncora principal e editor-chefe (aquele mesmo que nomeou Roberto Marinho de “pai de todos”), apesar de se auto intitular como parcial, ético, na realidade manipula os fatos sociais, desvirtuando-os, interpretando-os, mascarando-os, objetivando abarcar e resguardar os interesses da Família Marinho e de seus anunciantes (a elite do dinheiro e as demais elites do país).

A análise dos dados da presente pesquisa (ALVES, 2018) demonstraram, dentre outros pontos que a Globo é a rede de televisão mais assistida dentre o grupo pesquisado, o que confirma projeções nacionais de alcance da Rede Globo;

corroboraram que o Jornal Nacional é o telejornal de preferência dos telespectadores (sendo que os demais telejornais do Grupo Globo também gozam de relativa preferência); evidenciaram que boa parte dos entrevistados entende que o Jornal Nacional não informa adequadamente seus telespectadores; e, ainda, ratificaram que, de uma forma ou de outra, o Jornal Nacional teve influência no impeachment de Dilma Rousseff.

Nesse caleidoscópio de diversas visões e análises acerca do fenômeno da transmissão televisiva de informações, tendo como sustentáculo os dados extraídos das entrevistas realizadas na presente pesquisa, várias são as indagações possíveis (algumas tratadas no decorrer desta pesquisa) mas uma talvez ainda persista: ao assumir sua posição de ataque frontal à Lula, Dilma e ao PT, por meio de noticiários tendenciosos – oriundos de vazamentos sistemáticos e selecionados de informações da Operação Lava Jato – o Jornal Nacional (representando os interesses da Família Marinho, de seus grandes anunciantes, de apadrinhados políticos de ocasião), poderia tentar desfocar denúncias de seus parceiros de Golpe (aliviando o peso de acusações contra políticos do PSDB ou do DEM), mas em algum momento deveria pautar o JN com notícias sobre as empresas envolvidas na referida Operação.

O JN ao mostrar fatos desabonadores em relação à grandes empreiteiras nacionais, o exemplo mais emblemático é a Odebrecht, não estaria arriscando contra seus próprios interesses capitalistas?

Ciro Marcondes Filho (1989, p. 54) entende que o telejornal possa sim vir a apresentar fatos que se aparentam como anticapitalistas, mormente se essa estratégia for adotada para satisfazer os interesses efêmeros dos proprietários da televisão. A longo prazo não há prejuízos, pois na realidade, a televisão, no caso a Rede Globo por meio do Jornal Nacional busca justamente manter a ordem ideológica, econômica, política e legal pela qual a acumulação de riqueza é mantida pela elite financeira e a base da pirâmide social é cada vez mais explorada e depauperada.

Enquanto à frente do Executivo Federal, Dilma Rousseff se digladiava com o Congresso Nacional para que o lucro obtido com a extração de petróleo e derivados da camada do pré sal ficasse no país, e fosse destinado para o bem-estar da população, como na melhoria da saúde e mais significativamente para a educação. Seria interessante para a elite financeira que opera no Brasil que, ao invés de o lucro

do pré sal ir direto para seu bolso, fosse direto para o bolso do povo por meio de programas que resgatariam a dignidade do brasileiro?

A elite financeira, ou os “donos do dinheiro” como afirma Jessé de Souza (2016), é aquela que controla os grandes bancos e fundos de investimento. Essa elite financeira é responsável por guardar e multiplicar (por meio de taxas de juros estratosféricas imposta aos trabalhadores) o dinheiro das outras frações de endinheirados, como aqueles do agronegócio, da indústria e do comércio. E por que a elite financeira manda nas demais classes de endinheirados? Simplesmente porque as demais frações de endinheirados recorre a elite financeira para ter como investir em seus ramos de negócio.

Assim a elite financeira, parceira no Golpe que destituiu Dilma Rousseff da Presidência da República, financia as demais classes de endinheirados e ainda é responsável por guardar e maximizar o lucro desses agentes. Não precisamos trazer à tona que o dinheiro do lucro obtido pelas demais classes de endinheirados, qual seja o agronegócio, a indústria e o comércio, é obtido à custa da exploração das demais classes de agentes, não atoa o abismo entre a elite financeira e seus correligionários e a base social da pirâmide é cada vez mais significativo.

Seguindo a análise, quais então os interesses da mídia hegemônica, quais os interesses da Rede Globo nesta perversa equação?

Se a elite financeira financia, mantém e maximiza o lucro do agronegócio, da indústria e do comércio, estes por sua vez, investem boa parte do seu lucro em propaganda e marketing na própria Rede Globo, e em horários nobres mantidos pela exibição do Jornal Nacional. Podemos exemplificar com as extensas e contínuas propagandas do agronegócio (“Agro é Tech, Agro é Pop, Agro é Tudo”, ou a chamada “e se não fosse a cana”), do comércio (“Quer Pagar Quanto”), ou da indústria (grandes promoções da Johnson e Johnson, da Unilever, ou os “mamíferos da Parmalat).

Sem computar que a Rede Globo recebe também dinheiro diretamente do Governo Federal, que se esmera em investir em propaganda institucional alardeando programas, investimentos e políticas adotadas em prol do “bem do povo”. Muito mais interessante para o Grupo Globo se o Governo Federal estiver alinhado à políticas que mantenham a acumulação de capital de uma lado da pirâmide e aquele mínimo existencial de sobrevivência na base da pirâmide.

Se o indivíduo estiver preocupado em conseguir um emprego, se estiver aflito em manter seu emprego, se estiver angustiado porque não consegue marcar uma cirurgia de emergência para seu filho, se estiver atormentado por não ter condições de pagar o próximo aluguel, se estiver desesperado por não conseguir alimentar decentemente sua família e eles estiverem com fome, e, paralelamente à essa tortura diária do indivíduo em manter um substrato mínimo de dignidade a ele próprio e à sua família, esse indivíduo dedicar algum tempo de seu fastidioso dia à Televisão, se aborrecendo ainda mais com o drama noticiado pelos Telejornais (desemprego, filas nos hospitais, violência), mas logo remediado pela exibição de grandes tramas nas novelas – amores impossíveis, riqueza e poder, dicotomia “bandido e mocinho” – ou na vitória de seu time preferido exibido em horário nobre, respectivo indivíduo estará inserido neste perverso quadro social, e cada vez mais pobre economicamente e alijado da sua própria cultura. Mas mantendo, direta ou indiretamente (por meio de impostos que taxam o consumo e não a renda, ou taxas de juros abissais), os lucros dos donos do dinheiro e demais frações de endinheirados do agronegócio, da indústria e do comércio, e, ainda auxiliando a manter a Família Marinho (dona do Grupo Globo) no topo dos bilionários mundiais. Um quadro perverso de manutenção de privilégios e de perpetuação da pobreza, engendrada por um sistema ideológico, econômico, cultural e social – a chama da classe dominante, que, quadro que mesmo sendo sentido e de certa forma resistido pela população, continua a manter seu poder de dominação, alienação e abstração da realidade social, conforme acabamos de ver nos últimos acontecimentos políticos que abalam o país. Assim, não temos conclusões para elencar neste momento. Mas, notamos que há um processo dialético: emissão hegemônica versus submissão/resistência da população. Parafraseando Maria Conceição D’Incão em sua famosa Tese de doutorado sobre a emergência do boia-fria no meio rural brasileiro, poderíamos finalizar, observando que em alguns momentos o telespectador afirma e, em outros momentos ele nega a comunicação televisiva que o submete.

REFERÊNCIAS

- CARTA, Mino. **O mercado de notícias**. Documentário. 2014.
- DIAS, Maurício. **O mercado de notícias**. Documentário. 2014.
- D'INCÃO, Maria Conceição. **O boia fria: acumulação e miséria**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FURTADO, Jorge. **O mercado de notícias**. Documentário. 2014.
- JONSON, Ben. **O mercado de notícias: the staple of news**. Peça de Teatro. 1625.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.
- RODRIGUES ALVES, Fábio Carlos; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Jornal Nacional um caso de amor com o poder: estudo de adesão e resistência à ideologia do Grupo Globo em uma cidade do interior do estado de São Paulo**. Tese (Doutorado) – Universidade de Araraquara – UNIARA. A ser defendida em dez. 2018
- SOUZA, Jessé de. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: Le Ya, 2016.

Artigo recebido em: 29/08/2018

Artigo aprovado em: 11/11/2018

Artigo publicado em: 04/02/2019